Palavra em Carne Viva, Quem Ousa?

Poeticized word, who dares?

Marcelo Calderari Miguel

I — Moenda Vidas

No ventre quente da cidade,
a manhã nasce com gosto de ferrugem.
O ferro range, o vidro finge,
o prédio polido penteia a própria imagem.
Lá embaixo, o povo passa:
carne de passo, pressa e vertigem.

Chamam de centro
o lugar onde a vida não cabe.
Chamam de margem
o corpo que sustenta a ponte.
Mas quem desenha o mapa
sabe onde esconde o corte.

Crianças sem nome completo
brincam de futuro no semáforo.
O sinal abre, o mundo fecha,
a moeda cai como sentença.
Verde para o carro,
vermelho para a infância.

O lucro usa terno claro,
fala baixo, sorri em ata.
Tem mão macia, alma blindada,
e chama de mérito
a fome que aprendeu
a pedir desculpa.

No mercado dos olhos,
vende-se quase tudo:
corpo, voto, tempo, susto.
A vitrine cheira a açúcar,

mas a rua tem gosto de osso.
O barato sai caro para quem paga com rosto.

O pão chega pequeno,
amargo, quase abstrato.
Divide-se a migalha
como quem reparte um país quebrado.
E ainda dizem, muito sérios:
— Pelo menos há esperança no cardápio.

No hospital, a espera tem cheiro de ferro.
Na escola, a falta tem som de porta.
A mãe aprende cedo
que existem guerras sem arma:
basta negar caminho
e chamar de ordem a derrota.

Mas a palavra não aceita mordaça.
Vem moída, sim,
mas não vem morta.
Vem com café sem açúcar,
riso atravessado na garganta
e faca de luz dentro da boca.

Quem poetiza a dor
não passa perfume na ferida.
Mostra o corte
que o sistema queria chamar de paisagem.
Porque vida moída, quando fala,
quebra o dente da engrenagem.

II — Rendada Rebeldia

Na restinga, a noite borda
um pano de sal e segredo.
As rendeiras puxam fios,
mas não puxam só tecido:
puxam avó, puxam luto,
puxam memória pelo dedo.

Renda é laço e também dinheiro.
Renda é arte e também falta.
Na mão que tece, o tempo canta;
na mesa vazia, o tempo cobra.
O ponto mais bonito
nasce onde a vida arrebenta.

Entre Camburi, morro e Mestre Álvaro,
o Congo bate vermelho na terra.
Tambor tem cheiro de chuva,
casaca tem voz de madeira acesa.
Cada passo, sem diploma,
escreve a história que a página despreza.

Iara não chora só no rio.
Chora no cano seco,
no mangue ferido,
na água com gosto de minério.
Há quem venda floresta em silêncio
e chame isso de progresso sério.

O Saci perdeu a graça
quando viu semente sem chão.
Seu redemoinho levanta poeira
sobre promessa que não germina.
Curupira anda de costas
para confundir trator e consciência.

A Cuca, coitada, virou testemunha.
Quem assusta agora
não tem unha, escama ou feitiço:
tem contrato, caneta, gabinete
e uma fala tão educada
que quase convence o abismo.

Mas o povo rende e não se rende.
Dança na beira do corte,
canta no vão da perda,
faz do corpo arquivo,
da festa denúncia,
da ferida fundamento.

Não é folclore preso em vitrine.
É filosofia de chão batido.
Lenda não é mentira antiga:
é verdade usando máscara
para atravessar o tempo
e voltar quando o mundo endurece.

III — Toda Lenda Tem Dente

No rastro do Congo,
o tambor serpenteia.
Não anda em linha reta
quem carrega história demais.
Rastro é caminho e ferida,
memória que foge da gaiola
sem pedir licença aos mapas.

Na baía, a serpente dorme
com um olho aberto.
Guarda ouro, medo, promessa,
guarda o nome
de quem cobiçou demais.
Toda relíquia pergunta:
fé de quem, preço para quem?

Se tocam no brilho do Convento,
a lenda ameaça engolir a cidade.
Mas talvez a serpente já saiba:
há gente devorando o mundo
sem escama, sem mito, sem assombro,
só com licença
e recibo.

São Benedito sobe no andor,
mas o povo sobe junto.
Cada passo pisa a dor
e passa adiante uma resposta.
A devoção, quando vira corpo,
não ajoelha:
atravessa.

Nas margens, os mulungus vermelhos
acendem o silêncio.
Pescadores lançam redes
e puxam mais ausência que peixe.
Rede também prende o povo;
sal também arde
quando entra nos olhos.

Matinta assobia no morro,
não para anunciar azar:
lembra que o futuro
tem ouvido fino.
Quem escuta só progresso
não percebe o regresso
rangendo debaixo da terra.

No Cricaré, no Caxambu, na capoeira,
os pés descalços sabem pensar.
A filosofia nem sempre usa cadeira:
às vezes vem no calcanhar,
no barro, no suor,
no batuque que ensina
o corpo a continuar.

Espírito Santo, também troveja.
Não por barulho vazio,
mas porque tua gente aprendeu
que silêncio pode ser brasa.
Quando a palavra vira corpo,
nenhum poder
a enterra inteira.

Porque não é só lenda.
Não é só canto: é encomenda.
Não é barro antigo na mão.
É vida cobrando nome,
memória cobrando chão.
O que dormia na vitrine
não dormia: esperava.
Toda relíquia tem boca
quando a história se engasga.

SOBRE O AUTOR

Marcelo Calderari Miguel é autista, bibliotecário e mestre em Ciência da Informação pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Juiz-forano, atua como Diretor Social de Biblioteca, Arquivo e Museu no Instituto Histórico e Geográfico de Vila Velha (Casa da Memória), onde conduz projetos voltados à preservação da memória, à mediação cultural e ao acesso à informação histórica. Sua trajetória revela um compromisso que ultrapassa o campo técnico: transformar o silêncio do passado em diálogo com o futuro. Para ele, cuidar da memória não é apenas conservar documentos, mas criar pontes entre gerações, cultivar esperança e afirmar a justiça social como horizonte.